

**VICTOR DA SILVA FREIRE: A VIDA, AS IDEIAS E AS AÇÕES DE UM URBANISTA PAULISTANO  
DE PRIMEIRA HORA - 1869-1951**

COSTA, LUIZ AUGUSTO MAIA; Pós-doutorado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Brasil; [luiz.augusto@puc-campinas.edu.br](mailto:luiz.augusto@puc-campinas.edu.br)

## RESUMO

No presente artigo, abordaremos a vida e a obra do engenheiro Victor da Silva Freire. Conduz essa exposição à compreensão do engenheiro como um homem que agia local, mas pensava globalmente. Brasileiro e estrangeiro ao mesmo tempo, Freire soube como ninguém equacionar as várias tensões a que estava subordinado (políticas, econômicas, intelectuais e científicas) e, dessa forma, construir uma carreira tanto intelectual quanto de administrador público, que se constitui em um caso diferenciado e esclarecedor das maneiras como as questões referentes ao urbano eram tratadas na São Paulo da Primeira República. Foi entre a eficiência e o clientelismo; entre o público e o privado; entre a teoria e a prática que ele construiu um pensamento próprio e inovador, o que fez que se tornasse figura única na história do urbanismo paulistano de sua época, sendo razoável afirmar que, ao proceder dessa maneira, consolidou-se como um urbanista paulista de primeira hora. Para a concretização desses intuitos, baseamo-nos em pesquisa acerca de sua origem e atuação profissional junto a instituições em que trabalhou, em particular nos Arquivos da Escola Politécnica e no Acervo da Companhia City, bem como em outras instituições que guardam registros a seu respeito, a exemplo do Cartório da Liberdade. Foi realizada ainda uma análise da sua publicação em periódicos e revistas do período em tela. Esse conjunto de dados possibilitou-nos estabelecer redes (sociais, política, econômica e intelectual) que nos permitiram apreendê-lo como uma das expressões da própria rede de poder então existente em São Paulo no início do século XX.

Palavras-chave: Victor da Silva Freire; São Paulo; Urbanismo; Revista Politécnica; Companhia City.

## ABSTRACT

In this paper we will discuss the life and work of the engineer Victor da Silva Freire. This exposure leads to an understanding of the engineer as a man who was acting local but

thinking globally. Brazilian and foreign at the same time, anyone knew how Freire equating the various stresses to which was subordinated (political, economic, intellectual and scientific) and build a career in this way both intellectually and as public administration that is the case in a different and enlightening the ways in which issues were addressed in the urban Sao Paulo's First Republic. It was between efficiency and patronage, between public and private, between theory and practice he has built an innovative and independent thought, which caused him to become unique figure in the history of the urban Sao Paulo of his time, it is reasonable to say that, to proceed in this way, established itself as an urban planner for the first hour of São Paulo. To realizing these aims, we rely on research about its origin and professional institutions at which he worked, in particular, in the Archives of the Escola Politécnica and the Documentations of the Companhia City, as well as other institutions that keep records his respect, the example of the Clerk of Liberty. We performed a further analysis of its publication in magazines and journals of the period at hand. This data set allowed us to establish a set of networks (social, political, economic and intellectual) that allowed us to seize it as one of the expressions of the then existing power network in Sao Paulo in the early twentieth century.

Key-words: Victor da Silva Freire; São Paulo; Urban; Politécnica Magazine; Companhia City.

## RESUMEN

En este artículo vamos a discutir la vida y obra del ingeniero Victor da Silva Freire. Esta exposición lleva a la comprensión del ingeniero como un hombre que actuaba en el local, pero pensaba globalmente. Brasileño y extranjero a la vez, Freire sabía como nadie equilibrar las diversas tensiones a las que estaba supeditado (políticas, económicas, intelectuales y científicas) y por lo tanto construir una carrera como intelectual y administrador público, que constituye un caso diferente y aclarador de las formas según las cuestiones se trataron en la ciudad de Sao Paulo en la Primera República. Fue entre la

eficiencia y el clientelismo, entre lo público y lo privado, entre la teoría y la práctica se ha construido un pensamiento innovador e independiente, lo que provocó que se convierta en figura única en la historia del urbanismo paulistano de su tiempo, es razonable decir que, proceder de esta manera, se estableció como un urbanista paulista de primera categoría. Para la realización de estas intenciones, nos basamos en la investigación sobre su origen y las actividades profesionales en las instituciones en las que trabajó, en particular en el Archivo de la Escuela Politécnica Superior y la Colección de la Compañía City, así como en otras instituciones que mantienen registros sobre él, como en el Registro de la Libertad. Se realizó además un análisis de su obra publicada en periódicos y revistas existentes en el período. Este conjunto de datos nos ha permitido establecer redes (sociales, políticos, económicos e intelectuales) que nos permitieron aprehenderlo como una de las expresiones de la red de poder existente en ese momento en Sao Paulo en los comienzos del siglo XX.

Palabras clave: Victor da Silva Freire, São Paulo, Urbanismo, Revista Politécnica, Compañía City.

## **VICTOR DA SILVA FREIRE: A VIDA, AS IDEIAS E AS AÇÕES DE UM URBANISTA PAULISTANO DE PRIMEIRA HORA - 1869-1951**

### **1. ANTECEDENTES**

A despeito dos pertinentes e profícuos trabalhos publicados por diversos autores – entre outros Benedito Toledo (1996), Silvia Ficher (1989), José Geraldo Simões Junior (1990, 1995), Maria Cristina da Silva Leme (1990, 1999, 2000) e Candido Malta Campos Neto (1999) – sobre a obra do engenheiro Victor da Silva Freire e, em particular, acerca de sua atuação na Diretoria de Obras Públicas de São Paulo, muitas controvérsias e dúvidas ainda pairam sobre sua pessoa, em particular, e sobre sua obra, no geral. Homem substancialmente discreto e esquivo, ele foi e ainda é um personagem-chave para o entendimento das profundas transformações que a capital de São Paulo passou ao longo da Primeira República. É nesse contexto e, com o espírito de dar uma contribuição para a construção coletiva de uma compreensão possível deste ator social ligado à produção do espaço urbano paulistano, que o presente trabalho se insere.

Muito do que se diz a respeito de Freire é suposição, outro tanto é equívoco; em sua maioria, nada sabemos além do que ele deixou registrado no conjunto de textos que, durante sua vida pública, divulgou. Dessa forma, sente-se a falta de uma biografia e uma análise mais alentada sobre sua vida profissional como um todo. Obviamente, este não é o lugar. Nos próximos parágrafos, apenas traçaremos em linhas gerais um esboço sobre esse que é apontado como um “urbanista paulista” de primeira hora e um dos elementos da

tríade norte-americanizante do pensamento urbanístico paulistano da primeira metade do século XX<sup>1</sup>.



Figura 1: Foto de Victor da Silva Freire, sem data. Fonte: <<http://143.107.106.20>>

## 2. O BRASILEIRO ESTRANGEIRO

As controvérsias sobre nosso engenheiro começam no local de seu nascimento. Segundo vários autores, bem como segundo a sua “Ficha de Professor” na Escola Politécnica de São Paulo, Victor Freire teria nascido em Lisboa em 1869; entretanto, seu óbito lavrado no Cartório da Saúde, bem como seu Registro Funerário no Cemitério do Araçá, em São Paulo, atestam seu nascimento no Rio de Janeiro, no mesmo ano. É certa a sua morte em 1951, na cidade de São Paulo, aos 82 anos de idade. Seu pai era Victor da Silva Freire (1831-1900) que, segundo consta<sup>2</sup>, teria nascido na Bahia, tendo sido senador baiano. Dados que, a despeito dos esforços, não foram confirmados<sup>3</sup>. Já sobre sua mãe, sabemos, com certeza, que se chamava Dona Leopoldina Coimbra Freire (1849-1924) e que era natural do Rio de Janeiro. Freire casou-se com a italiana Francisca Rizzo Freire (1897-1966). Local e data do casamento são desconhecidos: o óbito dele afirma que o casamento se deu no

---

<sup>1</sup> Os outros dois a que nos referimos são: Luis de Anhaia Mello e Preste Maia, ambos alunos de Victor da Silva Freire.

<sup>2</sup> Tal informação pode ser obtida em <<http://www3.poli.usp.br/a-poli/historia/galeria-de-diretores/201-prof-dr-victor-da-silva-freire-.html>>. Acesso em: 15 set. 2011. Trata-se de site oficial da Escola Politécnica da USP.

<sup>3</sup> Pesquisas no site do Senado não confirmam tal dado, bem como pesquisa realizada na própria Biblioteca do Congresso Federal não o confirma.

Brasil, tendo sido registrado no Cartório da Liberdade (registro esse não localizado em busca de um período de 26 anos<sup>4</sup>) ; já o óbito dela, lavrado no Cartório de Santa Cecília, afirma que os eles teriam se casado na Itália. Não deixaram filhos. Victor, ao morrer, teria deixado bens; já Francisca, não. Como se nota, são muitas as incertezas sobre sua vida privada.

Sobre sua formação acadêmica, não é diferente. Baseado no que consta e no que foi apurado até então, teria o engenheiro tido sua instrução fundamental em sua cidade natal. Já adulto, teria se formado em engenharia civil na Politécnica de Lisboa (1885-1888) e completado sua formação na École National des Ponts et Chaussées de Paris (1889-1891). Antes de vir para o Brasil, atuou na Europa: primeiro nas oficinas mecânicas de Charles Beer, em Paris (1892), aonde trabalhou na Seção de Pontes Metálicas, tanto na capital francesa como na Espanha, na província de Almeida, transferindo-se, depois, para Lisboa. Consta ainda que tenha trabalhado na Bélgica. Entre 1892 e 1896, participou da Sociéte Internationale des Travaux Publics (TOLEDO, 1996, p. 278).

Concentrando-nos na sua atuação profissional no Brasil, sabemos que Freire chegou a São Paulo em 1895, indo trabalhar na Superintendência de Obras Públicas, dirigida, então, por José Pereira Rebouças<sup>5</sup>. A referida Superintendência foi criada em 1889 a partir da Repartição de Obras Públicas. Aquela era então vinculada à Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Sob a jurisdição desta estavam também a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, além de Comissões de Saneamento do Estado (SIMÕES JUNIOR, 1990; COSTA, 2005. Luiz Augusto Maia Costa (2005 p. 205), ao comentar sobre as

---

<sup>4</sup> Foram feitas buscas nos Livros de Registro de casamento do referido Cartório no período de abril de 1911 a outubro de 1923, e de outubro de 1923 a fevereiro de 1935.

<sup>5</sup> Terceiro irmão dos notáveis engenheiros Antônio e André Rebouças, os quais tiveram grande importância no período imperial, mantendo aliás relações íntimas com o imperador D. Pedro II. Todos eram baianos e mulatos. André era um liberal defensor do Império. Ao que tudo indica, José Pereira Rebouças não era um engenheiro do porte de seus irmãos, os quais influenciaram profundamente a engenharia brasileira do seu tempo (JUCÁ, 2001; CARVALHO, 1998).

atribuições da Superintendência, escreve: “eram atribuições vinculadas a atividades do complexo cafeeiro: estradas de ferro, Light, Companhia Cantareira, terras públicas e imigração”. Afirmando então que “a expansão capitalista era em grande escala financiada pelo Estado. Nesse sentido, era necessário o desenvolvimento de um órgão como a Superintendência de Obras Públicas, justificando os investimentos feitos nesse campo”.

Daí depreende-se que, “desde sempre”, Freire esteve no epicentro do turbilhão de forças e interesses que produziam o espaço construído de São Paulo (cidade e Estado) à época, bem como trabalhava com alguns dos personagens históricos relacionados a essa questão, os quais foram, ao longo do período em estudo, fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da cidade de São Paulo: Antonio Francisco de Paula Souza, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Alfredo Lisboa, Saturnino de Brito, entre outros. Vinculado a essa Superintendência, Victor Freire ocupou a chefia do terceiro distrito no serviço de abastecimento de águas e esgotos de cidades do interior<sup>6</sup>. No governo de Campos Salles<sup>7</sup>, integra a Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo (1897-1898), que então era presidida por Alfredo Lisboa<sup>8</sup>, sucedido por Theodoro Sampaio (BERNARDINI, 2006). Nessa época, Freire assume a chefia do Distrito de Santos (1897-1898).

---

<sup>6</sup> Segundo Relatório da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1896, quando Alfredo Lisboa era o chefe da Comissão de Saneamento do Estado, tanto Saturnino de Brito como Victor da Silva Freire aparecem como chefes de Seção. Muito provavelmente, Freire era o chefe da Seção 6. Agradeço a Sidney Bernardini a referida informação.

<sup>7</sup> Campos Sales foi presidente do Estado de São Paulo no período entre 1896 e 1908. Sob sua administração, o Estado passou por uma forte onda saneadora de sua situação financeira.

<sup>8</sup> Sabe-se que em setembro de 1896 assume, via decreto, Alfredo Lisboa a Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo. Nessa mesma data, via mesmo decreto, assumem Saturnino de Brito e Victor da Silva Freire os trabalhos em Santos (BERNARDINI, 2006). Segundo Saturnino de Brito, em suas *Obras completas* (p. 232) em fevereiro de 1898 ele sai das obras de Santos. Temos como hipótese que seja nessa mesma época que Victor da Silva Freire saia de Santos.



Foi, entretanto, a partir da administração do prefeito conselheiro Antônio Prado<sup>9</sup> que Victor da Silva Freire passou a exercer papel mais relevante na produção do espaço construído da capital paulista. Em 1899, o conselheiro Antonio Prado assume a prefeitura do município e transforma a Intendência de Obras em Seção de Obras, a qual, posteriormente, ampliada, deu origem à Diretoria de Obras Municipais. Prado então nomeia Victor da Silva Freire, primeiro como chefe e depois como diretor da Secção (depois, Diretoria) de Obras da Prefeitura, cargo que ocupou até 1926<sup>10</sup>. Portanto, foram 27 anos de uma continuidade administrativa<sup>11</sup> e nas diretrizes de planejamento, e, em certa medida, da produção do espaço construído da cidade de São Paulo.

---

<sup>9</sup> A família Prado era uma das mais tradicionais e importantes famílias de São Paulo desde a época do Império. Quanto à República, em geral, mantiveram uma posição ambígua (à exceção de Eduardo Prado, que era abertamente contra a República). O conselheiro Antônio Prado era, então, sem dúvida, o mais notável membro do clã. Ele era dono de fazendas de café, fábricas, bancos, entre outros empreendimentos durante o período em que era prefeito da cidade. Diz-se dele que era antes de tudo um grande empreendedor-empresário, sabendo aproveitar as oportunidades de lucro que então se abriam (LEVI, 1977).

<sup>10</sup> Campos Neto (1999, p. 85) esclarece que a Diretoria era formada por oito engenheiros, a saber: Victor da Silva Freire (diretor), Eugênio Guilhem (vice-diretor), Joaquim Octavio Nébias e Luiz Bianchi Bertoldi (primeiros engenheiros), Lucio Martins Rodrigues, Francisco de Paula Santos Rodrigues, Ernesto Dias de Castro e João Esteves Ribeiro da Silva (segundos engenheiros). Completava a equipe o “auxiliar estudante da Escola Politécnica, Artur Saboya”. Em 1902, passou a integrar o corpo técnico da Diretoria o engenheiro Luiz Pedrosa. É ainda o mesmo autor (CAMPOS NETO, 1999, p. 86) que afirma que a razão do desligamento de Freire da Diretoria de Obras foi sua aposentadoria.

<sup>11</sup> Como observa Campos Neto (1999, p. 86): “traço comum das administrações municipais paulistas entre 1899 e 1925 foi a permanência de Victor da Silva Freire à frente do setor de obras. São Paulo teve seis prefeitos ao longo da República Velha, sendo os cinco primeiros bacharéis em Direito: Antonio Prado, nomeado pela Câmara para quatro mandatos consecutivos de três anos, governou de 1899 a janeiro de 1911; Raymundo Duprat, nomeado para um mandato, governou de 1911 a janeiro de 1914; Washington Luis, nomeado pela Câmara no primeiro mandato, eleito diretamente no segundo, governou de 1914 a agosto de 1919 [...]; Álvaro da Rocha Azevedo foi o prefeito interino até janeiro de

No decurso desses anos, a Diretoria de Obras sofreu uma série de transformações que ocasionaram sua ampliação, o que contribuiu, indubitavelmente, para a crescente importância que, gradativamente, passou a exercer no âmbito da administração municipal. Enquanto o governo estadual, quando intervia no espaço da capital, o fazia de forma pontual/setorial, Victor da Silva Freire, à frente da Diretoria de Obras, esforçava-se para intervir amparado pelos conceitos da urbanística então nascente. De forma nem sempre explícita, Freire e equipe, com suas propostas e projetos de modernização urbana, acabaram por superar aquela postura do governo estadual e passaram a engendrar programas mais ambiciosos de transformação urbana, muitos dos quais se tornaram paradigmáticos da urbanística paulistana da época.

É apoiados nessas observações, entre outras, que nos é possível afirmar que Freire, em muito, personifica parte do processo que levou não só ao delineamento do moderno pensamento urbanístico paulista, mas também à institucionalização desse conhecimento e do seu profissional correlato. Em outra perspectiva, Freire constitui-se em um dos atores sociais mais significativos no processo de criação e ampliação do principal órgão administrativo municipal relacionado com a produção do espaço construído na cidade de São Paulo. Nesse sentido, a engenharia que ele empreendeu transcendeu seus aspectos físicos, estendendo-se a edificação do próprio aparelho estatal voltado para o controle e expansão (material e imaterial) da capital paulista.

No período mencionado, Freire esteve à frente de ações e intervenções fundamentais para a cidade e para o desenvolvimento e consolidação do urbanismo em São Paulo, tanto como prática quanto como disciplina. Basta lembrar que foi sob sua atuação direta que se deu a reurbanização do Vale do Anhangabaú em 1911, a elaboração e promulgação do "Ato 900" de 1916, e o "Padrão para as novas construções particulares" de 1920. e, indiretamente, a construção do Jardim América, bairro com ressignificações do ideário das Cidades Jardins

---

1920; e Firmino de Moraes Pinto, eleito para dois mandatos de três anos, governou de 1920 a janeiro de 1926. Todos mantiveram Victor da Silva Freire como Diretor de Obras. Foi com a posse do engenheiro José Pires do Rio (que governaria até 1930)" que a era Freire na mencionada repartição tem seu fim.

elaborado pelo próprio Barry Parker <sup>12</sup>. No presente momento não se sabe, ainda, ao certo, as razões que levaram Victor da Silva Freire a se desligar da Diretoria, segundo consta, por aposentadoria (CAMPOS NETO, 1999). Sabe-se, no entanto, que entre 3 de agosto de 1926 e 1º de fevereiro de 1927 afasta-se da Escola Politécnica, onde era professor, por razões de saúde.

Certo é que, no período que esteve à frente da Diretoria, essa se caracterizou por contar nos seus quadros técnicos com professores da escola Politécnica, bem como com ex-alunos dessa, isto é, eram engenheiros civis e engenheiros arquitetos que formavam o corpo daquela estrutura, voltada ao mesmo tempo para a administração e produção do espaço da capital. Nesse sentido, no interstício da Diretoria de Obras, teoria e prática se amalgamavam a fim de produzir o espaço construído de São Paulo, isto é, “caminhavam juntas” <sup>13</sup> a Diretoria de Obras e a Escola Politécnica. Nesse contexto, reafirma-se o já dito: ao que tudo indica, a referida Escola consistia na hegemonia intelectual referente às questões da produção do espaço. O papel que a Escola do Mackenzie, a outra escola formadora de engenheiros à época, desempenhou no período ainda está por ser mais bem explicado.

Ao mesmo tempo, durante todo o período em que esteve à frente da Secção de Obras da Prefeitura, e, portanto, representando os interesses públicos — do Estado —, manteve uma sólida relação com instituições e agentes sociais ligados aos interesses privados. Freire, segundo Carlos Roberto Monteiro de Andrade <sup>14</sup> (1998), mantinha uma relação próxima com o arquiteto inglês Barry Parker — que representava e defendia os interesses da Companhia

---

<sup>12</sup> Para uma análise da passagem do arquiteto inglês Barry Parker por São Paulo; Ver Andrade (1998).

<sup>13</sup> É necessário lembrar que não era só de afinidades que essa relação se estabelecia, dissensos e controvérsias faziam parte também dessa relação, por assim dizer, simbiótica.

<sup>14</sup> Agradeço ao caro professor Carlos Roberto Monteiro de Andrade a sua generosidade em dividir comigo os dados levantados/obtidos durante a sua pesquisa junto os arquivos da Companhia City, o que muito facilitou e completou nossos próprios levantamentos realizados no referido Acervo.

City<sup>15</sup>. Alguns autores afirmam que Freire chegou a ser diretor e/ou consultor/conselheiro de engenharia da City of São Paulo Improvements. De fato, segundo documentos colhidos nos Arquivos da Cia. City<sup>16</sup>, no ano 1940, Victor da Silva Freire é incluído em sua Diretoria. Em outro documento, esse de 1942, constante no mesmo arquivo, aparecem os nomes de Victor da Silva Freire e Cincinato Braga (além de Plínio Barreto, L. C. Belfrage e Nelson Gama de Oliveira) como “Members of Advisory Committee in San Paulo” da referida companhia<sup>17</sup>.

Segundo informações colhidas<sup>18</sup>, ao serem consultados os “Livros de Registro de Funcionários” da empresa, desde sua fundação, não se encontra nenhum registro do nome de Victor da Silva Freire. Sabemos com certeza que as relações entre Victor Freire e Barry Parker eram no mínimo cordiais, e entre esses e a Companhia em tela, eram intensas. Evidenciam isso uma foto em que aparece Victor Freire, já idoso, em reunião com outros senhores (que não foram identificados) pertencente aos Arquivos da Cia. City, bem como seu depoimento em processo movido por Dona Amalia de Moreira Keating Fontaine de Laveleye, em que Freire aparece como depoente a favor da referida companhia.

---

<sup>15</sup> “A companhia City de Desenvolvimento é a única titular do direito de uso e propriedade das marcas compostas por CITY e CIA CITY”.

<sup>16</sup> Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

<sup>17</sup> Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

<sup>18</sup> Não tivemos acesso direto ao Acervo da Cia. City. Aqui reportamos os dados que nos foram fornecidos pela referida Companhia.



Figura 2: Na foto, Victor da Silva Freire é o terceiro da direita para a esquerda. Não foi possível precisar os demais membros da foto, nem a data, mas provavelmente trata-se da década de 1940, quando o engenheiro ocupava cargo de direção na Companhia City. Fonte: Acervo da Companhia City.

Segundo Plínio Barreto (1933, p. 23 e 24), autor do livro *Uma temerária aventura forense* (a questão entre d. Amália de Moreira Keating Fontaine de Laveleye e a Cia. Of San Paulo Improvements & Freehold Land Company, Limited). Alegações finais do advogado desta última, e advogado da Cia. City, Vitor da Silva Freire testemunhou no referido processo na qualidade de “antigo Diretor das Obras Publicas da Municipalidade de São Paulo e atual diretor da Escola Politécnica de São Paulo”, e após expressar as qualidades de homem probo desse, acrescenta que ele “teve ocasião, nessa qualidade [anteriormente mencionada], de se aproximar do engenheiro francês Sr. Bouvard, o qual em 1911, a convite da municipalidade desta capital, veio a São Paulo examinar os planos de melhoramentos urbanos que, então, se debatiam”. Afirma, então, que Bouvard, ao ter permanecido algumas semanas em São Paulo, teve a oportunidade de “examinar detidamente as condições de vida da cidade, convencendo-se de que seu desenvolvimento seria extraordinário”.

Barreto (1933) prossegue seu relato afirmando que:

O Sr. Bouvard comunicou essa impressão, entre outras pessoas, ao Sr. Fontaine de Laveleye que, com ele, viera da Europa e que o havia levado ao estado do Paraná para inspecionar empresa, que ali explorava. Entusiasmado com a impressão do Sr. Bouvard, o Sr. Fontaine de Laveleye perguntou a ele, depoente, se não conhecia, aqui, em São Paulo, alguém que dispusesse de grandes áreas de terrenos para vender, pois desejava organizar uma companhia para explorar esse ramo de negócios (grifos do original).

É ainda Barreto (1933) que afirma que Victor da Silva Freire e Cincinato Braga eram amigos íntimos e que Braga “nessa ocasião, estava com outros amigos adquirindo grandes quantidades de terrenos nessa capital com o mesmo intuito manifestado pelo Sr. Laveleye, aproximou um do outro. Dessa aproximação resultava, meses depois, a criação de uma grande companhia imobiliária, que veio a ser a R” (grifos no original).

Mais adiante o autor continua a transcrever o depoimento de Freire:

Prosegue o Dr. Victor da Silva Freire: - “Para constituição da R., foi preponderante, na opinião do depoente, a intervenção do engenheiro Bouvard, o qual, gozando de alto e merecido conceito nos meios europeus, deu à nova organização, com o seu apoio, o elemento moral indispensável para que a empresa vingasse”.

E conclui, categórico:

Por tudo quanto observou na ocasião, o depoente está plenamente convencido de que o Sr. Laveleye se meteu em negociações de terrenos já mencionados, não para ficar com eles, mas para organizar companhia que os explorasse (grifos no original).

Segundo Barreto (1933), o depoimento de Freire é confirmado por Horácio Belfort Sabino bem como por Cincinato Braga.

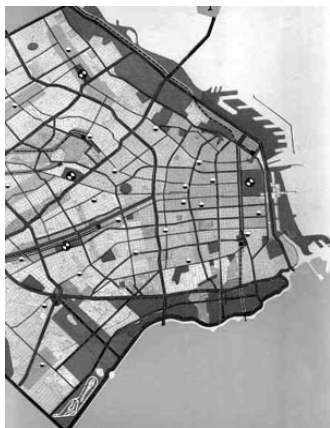


Figura 3: Plano do engenheiro Bouvard elaborado para a capital Argentina, Buenos Aires, na mesma época e que o referido engenheiro esteve em São Paulo e se envolveu com os negócios da Cia City e da reformulação do vale do Anhangabaú na capital paulistana. Note-se que é um plano

marcadamente de caráter viário. Fonte:  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/497/pt>>.

O que se nota claramente aqui é um tráfico de influências, em uma época em que as relações entre público e privado no Brasil eram extremamente porosas. Victor da Silva Freire não se furta a passar dados a grandes empresários (e em certa medida, especuladores de terras), informações que ele, como diretor de Obras Públicas, possuía como ninguém. Note-se que, anos mais tarde, tanto ele como Cincinato Braga farão parte da Diretoria da Cia. City. Esses esclarecimentos sobre as terras com melhor potencial de desenvolvimento na cidade levaram à maior ação especulatória de terras que a cidade de São Paulo conheceu (SEVCENKO, 1992) e deu origem à City of São Paulo Improvements.

Sem dúvida, Freire foi peça fundamental na organização de tal empresa de caráter privado. Mas daí afirmar que ele (nesse período) fosse um diretor ou conselheiro-consultor da empresa parece-nos, até o presente momento, infundado. Ressaltamos que ao longo da Primeira República a separação entre público e privado era ainda pouco elaborada socialmente, e para os contemporâneos, tais ações eram consideradas absolutamente “normais”. Para a sociedade da Primeira República, a separação entre público e privado não estava completamente estabelecida e isso se dava em muito em razão da natureza da revolução burguesa<sup>19</sup> aqui operada. Muitos dos negócios e problemas públicos do período eram resolvidos em “acordos de cavalheiros”. Essa atitude, vista na perspectiva de hoje, constitui-se em evidência de uma relação, no mínimo, promíscua entre o público e o privado. Dessa forma, notamos que na vida profissional de Victor da Silva Freire as esferas pública e privada coexistem (nem sempre de forma clara) no interior do processo mais amplo de produção do espaço construído.

---

<sup>19</sup> Cf. Holanda (1978); Costa (2005); Fernandes (1981), entre outros.



Figura 4: Foto da fachada da Liga de Comércio e Indústria de Louças e Ferragens. Na porta da frente, vê-se o símbolo da “Cia City”. Fonte: Acervo da Companhia City.

Entre as entidades civis de que Freire foi, segundo informações colhidas, membro, estão: do Instituto de Engenharia de São Paulo, do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, da Sociéte des Ingénieurs Civils de France e do Institution of Civil Engineers de Nova York. Foi, ainda, um dos 12 fundadores do Rotary Club de São Paulo. Constituído em 13 de fevereiro de 1924<sup>20</sup>, o Rotary Club de São Paulo passará a ser o segundo existente no Brasil, o primeiro foi estabelecido no Rio de Janeiro. Na sua fundação, Freire foi eleito primeiro presidente da instituição associada ao Rotary Internacional, esse de origem norte-americana.

---

<sup>20</sup> Os 12 fundadores seriam: Adhemar de Moraes, Antônio Gaffré, Augusto M. Guerra, Benedicto Montenegro, Gilbert. J. Hubert, Hermínio G. Moreira, Irving Henry Gallion, José Carlos M. Soares, José Fernando Oliveira, Manfredo Antônio Costa, Richard O. Connell e Victor da Silva Freire. (Disponível em: <<http://www.rotarysp.org.br>>).





Figura 5: A foto mostra os 12 fundadores do Rotary Club São Paulo. Eram eles: Adhemar de Moraes (engenheiro construtor); Antonio Gaffré Ribeiro (importador de gasolina); Augusto Marques Guerra; Benedicto Montenegro (médico); Gilbert J. Huber; Hermínio Gomes Moreira (escola Hemington de Datilografia); Irving Fleury Gallion (Associação Cristã de Moços); José Carlos de Macedo Soares (Cia. Paulista de Artefactos de Alumínio); José Ferreira de Oliveira (fabricante de arreios e artefatos de couro); Manfredo Antônio da Costa (vendedor de aparelhos elétricos); Richard O. Connell (cônsul geral dos Estados Unidos); e Victor da Silva Freire, o terceiro sentado da direita para a esquerda. Fonte: <http://extranet.frsp.org/museufrsp/Acervo/Fotos/007.aspx>

Em paralelo à sua atuação no poder público, Victor da Silva Freire desenvolveu uma respeitada e influente carreira acadêmica. Entre 1897 e 1934, ocupou cátedras na Escola Politécnica de São Paulo, o que implica dizer que, durante (e até mesmo antes) todo o período em que esteve à frente da Diretoria de Obras do Município, ministrou aulas naquela que era a principal Escola de Engenharia da cidade de São Paulo.

Ingressou na Escola Politécnica de São Paulo como professor substituto nas disciplinas “Teoria de Resistência dos Materiais”, “Grafo-Estática” e “Estabilidade das Construções” cujo catedrático era Antonio Francisco de Paula Souza<sup>21</sup>. Entre 1907 e 1908, substituiu Henrique Schulman, assumindo a cátedra “Tecnologia do Construtor Mecânico”. Foi ainda, lente catedrático da cadeira “Mecânica Industrial, Motores Hidráulicos e Fábricas”. Curioso notar que as cátedras que lecionou estavam relacionadas com questões estruturais das edificações ou de tecnologia. No âmbito dessas disciplinas é difícil imaginar como podia Freire introduzir questões relativas à urbanística, em particular, ao que veio a ficar

---

<sup>21</sup> Paula Souza foi o fundador e primeiro Diretor da mesma.

conhecido como “urbanismo moderno”. Saliente-se que é nesse campo que ele construiu sua reputação profissional, bem como foi esse mesmo campo que lhe assegurou um lugar de destaque na história da produção do espaço construído na capital do Estado de São Paulo.

Entre 1932 e 1933, Victor da Silva Freire ocupou o cargo de vice-diretor da Escola Politécnica de São Paulo, quando o diretor era Carlos Gomes de Souza Shalders. Tornou-se diretor dessa instituição, entre 1933 e 1934, tendo como vice Lúcio Martins Rodrigues, exatamente no momento em que a Universidade de São Paulo estava sendo criada. Exerceu ambos os cargos por nomeação, via decreto, tendo se exonerado da diretoria da Escola em 10 de julho de 1937. Aposentou-se compulsoriamente (por idade) em 30 de março de 1938. Durante esses anos, foram muitas as licenças: ora para participar de congressos internacionais (SIMÕES JUNIOR, 1995), ora para tratar da sua saúde ou da saúde de sua esposa.

## 2.1 CRONOLOGIA DE UMA VIDA

1869 - nasce, em local não confirmado, ou Lisboa ou Rio de Janeiro. De qualquer forma, um brasileiro estrangeiro.

1885-1888 - Estuda engenharia civil na Politécnica de Lisboa.

1889-1891 - Estuda na École National des Pontes et Chaussées - Paris.

1892 - Trabalha na Europa: Paris, Almeida (Espanha), Lisboa e Bélgica.

1892-1896 - Participa da Société Internationale des Travaux Publics.

1895 - Chega ao Brasil e trabalha na Superintendência de Obras Públicas. Chefe da 6ª Seção.

1897-1898 - Integra a Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, trabalhando em Santos.

1899-1926 - Ocupa o cargo de Diretor de Obras Públicas de São Paulo.

1897-1934 - Ocupa cátedras na Escola Politécnica de São Paulo

1932-1933 - Ocupa o cargo de Vice - Diretor da Escola Politécnica de São Paulo.

1933-1934 - Ocupa o cargo de Diretor da Escola Politécnica de São Paulo.

1938 - Aposenta-se compulsoriamente da Escola Politécnica de São Paulo.

1940-1942 - Ocupa o cargo de Diretor da Cia City.

1951 - Morre em São Paulo.

## 2.2 AS OBRAS PUBLICADAS POR VICTOR DA SILVA FREIRE

Muitos foram os artigos publicados ao longo dos anos em revistas técnicas, a exemplo da Revista Politécnica, do Boletim do Instituto de Engenharia, da Revista Brasileira de Engenharia e da Revista do Clube de Engenharia, entre outras. Concordamos com Nagami e Motoyama (1996, p. 190) quando anotam sobre esses artigos que versavam sobre os temas preeminentes à época, muitos dos quais polêmicos: a questão do ensino, primeiro o técnico-profissional, e depois o universitário; sobre a regulamentação da profissão e do profissional da engenharia e da arquitetura; sobre as questões relativas à racionalização da organização do trabalho, a relação, necessária, entre o ensino teórico e prático; a necessidade e importância da pesquisa desenvolvida nos laboratórios da Escola Politécnica; sobre as questões da administração municipal das cidades; sobre as questões referentes ao higienismo, às habitações, às vias de circulação; e por fim, mas não menos importante, sobre o próprio delineamento da urbanística nascente.

Sem dúvida, são aqueles artigos referentes ao problema da urbanização e ao ensino técnico e à administração pública os que mais nos chamam a atenção e que melhor expressam sua importância para o delineamento do urbanismo enquanto "ciência" (para usar um termo tão empregado pelos seus contemporâneos) no âmbito da cidade de São Paulo e, por extensão, do Estado.

Sua produção, apesar de ter sido intensa e diversificada, é inconstante. Há períodos em que Freire nada publicou, há outros em que mais de um artigo é publicado por ano. Os temas dos artigos também oscilam; há períodos em que ele se volta mais para as questões referentes à tecnologia, e em outros momentos, escreve unicamente sobre a urbanística;

há outros ainda em que se detém nos problemas referentes à educação e noutros ainda, em que se detém nos problemas referentes à questões referentes à administração pública. Do conjunto de textos escritos por ele e levantados por nós, podemos observar que Freire estava no limite entre o público e o privado; entre o teórico e a prática.

Data de 1900 o primeiro artigo publicado por Freire de que temos conhecimento. Ele o fez no Anuário da Escola Politécnica e o texto versa sobre a pertinência do ensino técnico. Entre essa data e 1907, não escreve com frequência. Seus temas são diversos, destacando-se os relacionados com a tecnologia: força hidráulica e sua utilização pela indústria, e sobre resistência dos materiais. Note-se que esses escritos estão de uma forma ou de outra vinculados à sua atividade de lente da Escola Politécnica. Até então, Freire não vem a público discutir sobre questões relacionadas com sua atuação na Diretoria de Obras Públicas da capital. Essa observação nos faz questionar em que medida suas publicações acerca da urbanística nascente estejam mais ligadas à sua atividade junto à referida Diretoria do que à sua atividade como professor? Parece-nos que seu encaminhamento para a urbanística não se dá por um desdobramento interno das questões discutidas em sala de aula, e sim das questões práticas correlatas à produção do espaço construído em São Paulo. Nesse sentido, não é a teoria que alimenta a prática, mas o contrário.

De fato, somente em 1910 o engenheiro divulga seu primeiro artigo relacionado à urbanística, dando início a uma fase de intensa publicação. Trata-se de uma publicação da Tip. Brasil de Rothschild & Cia, intitulada Melhoramentos do centro da cidade de São Paulo. Projeto apresentado pela prefeitura Municipal. Registre-se que essa publicação sai no mesmo ano em que Freire participou do famoso Congresso de 1910, em Londres, ao qual, entre outros, estavam presentes: Stübben, Guedes, Hénard, Howard, Unwin, Burnham, e no qual o termo “urbanismo” teria surgido pela “primeira” vez (BARDET, 1990, p. 24). Os artigos que vêm a público entre 1910 e 1916 versam, sobretudo, acerca dos melhoramentos da cidade de São Paulo. Datam desse período suas publicações mais famosas. Os anos 1916 e 1917 são particularmente profícuos, ao longo desses dois anos vem à luz nove artigos cuja temática é variada, ainda que marcadamente centrada nas questões urbanas. Isso nos leva a concluir que a sua participação no Congresso de 1910 é o

ponto de inflexão na sua produção teórica, o que em outros termos quer dizem em suas preocupações acadêmicas e intelectuais. Afirmamos acadêmica na medida em que será na Revista da Politécnica — ligada à Escola Politécnica — que irá, mais acentuadamente, publicar seus artigos.

Em 1914, surge pela primeira vez nas temáticas discutidas por Freire, isto é, em seus artigos e livros, a questão da higiene, uma vez que foi nesse ano que saiu seu seminal “A cidade salubre”. Entretanto, é só a partir de 1916, com o seu prefácio para o livro de Alexandre Albuquerque, *Insolação*, que o tema ocupará lugar de destaque em sua produção teórica. De fato, entre 1916 e 1918, publica um título por ano sobre o tema. Em 1918, provavelmente influenciado pelos acontecimentos da Primeira Grande Guerra, vai deter-se a refletir sobre as relações e implicações entre guerra, economia e a cultura do café. Esses temas apontam para uma compreensão, por parte de Freire, dos temas mais amplos entranhados no processo de urbanização por que São Paulo (capital e Estado) passava, bem como sua interface com a produção do espaço construído propriamente dito.

Finda a guerra, em 1919, os artigos que Freire publica voltam a tratar das questões urbanas, e a partir de então o foco serão os aspectos administrativos da cidade (municipalidade). Nesse ano saem dois artigos sobre o tema, um deles, hoje, figura como um de suas principais publicações: *O futuro regime das concessões municipais na cidade de São Paulo*, como apontado por Costa (2005). Os três próximos anos são de completo silêncio. Nada publica. Restringe-se a elaborar relatórios administrativos. Entretanto, em 1923, volta à carga, escrevendo mais de um artigo, sempre relacionados com a questão do calçamento de vias na capital na perspectiva de um plano; sobre a expansão da cidade e, por fim, sobre a canalização do Rio Tietê.

Depois de anos sem escrever nada sobre tecnologia, entre 1924 e 1927, suas publicações versariam sobre esse tema. O epicentro do debate é o concreto, e em particular, em sua relação com a questão das vias públicas. Daí segue três anos de um novo silêncio, quebrado em 1930. Entre 1930 e 1931, Freire, já aposentado da Diretoria de Obras Públicas, ocupava o cargo de diretor da Escola Politécnica. Nesse período, estava em debate a criação da Universidade de São Paulo, do qual o engenheiro tomou parte, como

anteriormente vimos. Coerente com a postura de uma vida, Freire faz do tema “Universidade” o centro do que publicou nos dois anos supracitados.

Daí em diante suas publicações ficam mais rarefeitas, mas não menos importantes. Em 1936 vem a público um artigo sobre a regulamentação da profissão de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor. Em 1942, escreve seu último artigo sobre o urbano, trata-se do “Urbanismo”. Em 1950, depois de profícua produção, publica seu último artigo, que versa sobre Ramos de Azevedo e o ensino secundário. Foi exatamente esse tema, educação, que dominou suas últimas publicações.

### 2.3 RELAÇÃO DE SUAS PUBLICAÇÕES <sup>22</sup>

1900 - “Da utilidade das Escolas Técnicas”. In Anuário da Escola Politécnica. São Paulo.

“Escola Politécnica de São Paulo”. In Anuário da Escola Politécnica. São Paulo.

1901 - A bibliografia universal e a classificação decimal. Subsídio para a participação do Brasil na organização Internacional da Biblioteca Científica. São Paulo: Tip. Brasil de Carlos Franz.

1902 - “Dados práticos sobre a construção das calçadas empedradas (macadame) na cidade de São Paulo”. In Anuário da Escola Politécnica. São Paulo.

1904 - O valor de uma força hidráulica. Estudo comparativo de várias soluções propostas a um problema de interesse industrial. São Paulo: Duprat.

1907 - “Madeiras e seus ensaios”. Revista Politécnica, n. 16. São Paulo.

Ensino técnico: dados práticos recentes. São Paulo: Tip. Brasil de Rothschild & Cia.

1910 - Melhoramentos do centro da cidade de São Paulo. Projeto apresentado pela prefeitura Municipal. São Paulo: Tip. Brasil de Rothschild & Cia.

---

<sup>22</sup> A relação das obras publicadas por Freire apresentadas a seguir foi organizado a partir de Simões Junior (2005).

1911 - "Melhoramentos da Cidade". Em Relatório apresentado pelo prefeito Raimundo Duprat à Câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

"Melhoramentos de São Paulo". Revista Politécnica, v. 6, n. 33. São Paulo.

1914 - "A Cidade Salubre". Revista Politécnica, v. 8, n. 48. São Paulo.

1915 - "A capital paulista: presente e futuro. A ação oficial. A ação popular". Em Almanaque O Estado de S. Paulo. São Paulo.

1916 - "A Planta de Belo Horizonte (A propósito da cidade Salubre)". Revista Politécnica, v. 52, n. 52. São Paulo.

"Fatos e idéias". Revista do Brasil, v.1, n. 1. São Paulo.

"Fatos e idéias: 1815 - 1915". Revista do Brasil, v. 1, n. 3. São Paulo.

"Fatos e idéias: imprevidências e paradoxo". Revista do Brasil, v. 1, n. 4. São Paulo.

"O Problema municipal". Revista do Brasil, v. 3, n. 9. São Paulo.

"Prefácio". Em ALBUQUERQUE, Alexandre. Insolação. São Paulo: O Estado de S. Paulo.

1917 - Higiene da residência urbana. Memória apresentada ao Primeiro Congresso Médico Paulista. São Paulo: O Estado de S. Paulo.

"Relatório da Diretoria de obras e viação: 1916". In Relatório apresentado pelo prefeito Washington Luís Pereira de Sousa à câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

"A orientação do engenheiro nacional". Boletim do Instituto de Engenharia, v. 1, n. 1. São Paulo.

1918 - "Códigos Sanitários e posturas municipais sobre habitações: um capítulo de urbanismo e de economia nacional". Boletim do Instituto de Engenharia, v. 1, n. 3. São Paulo.

"A guerra e a produção nacional". Revista do Brasil, v. 7, n. 28. São Paulo.

"Economia a realizar". Boletim do Instituto de Engenharia, v. 2, n. 4. São Paulo.

“O Café durante e depois da guerra: reflexões de um desorientado”. Revista do Brasil, v. 8, n. 30. São Paulo.

“Os adversários naturais, transitórios e sistemáticos do café: reflexões de um desorientado”. Revista do Brasil, v. 8, n. 30. São Paulo.

“Guerra e alimentação nacional: reflexões de um desorientado”. Revista do Brasil, v. 8, n. 31. São Paulo.

1919 - “Projeto de regulamento para as construções particulares apresentadas à Câmara Municipal de São Paulo”. Boletim do Instituto de Engenharia, v. 2, n. 5. São Paulo.

“O futuro regime das concessões municipais na cidade de São Paulo”. Revista Politécnica, n. 60. São Paulo.

O caboclo, o saneamento e os impostos. São Paulo: Seção de Obras d’O Estado de S. Paulo.

1921 - “Relatório da Diretoria de Obras e Viações: 1920”. In Relatório apresentado pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto à Câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

“Calçamentos aperfeiçoados”. Boletim do Instituto de Engenharia, v. 4, n. 14. São Paulo.

“Nota apresentada à Comissão de Tecnologia Industrial a respeito da carestia do gás em São Paulo”. Boletim do Instituto de Engenharia, v. 3, n. 11. São Paulo.

1922 - “Relatório da Diretoria de Obras e Viações: 1921”. In Relatório apresentado pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto à Câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

“O Paço Municipal”. Boletim do Instituto de Engenharia, v. 4, n. 17. São Paulo.

1923 - Preliminares sobre um plano metódico de calçamento para a cidade de São Paulo. São Paulo: Vanorden.

“A canalização do rio Tietê no território da capital e municípios adjacentes”. Boletim do Instituto de Engenharia, v. 4, n. 19. São Paulo.

“A Expansão da capital paulista e o seu programa de urbanização”. Revista Brasileira de Engenharia, v. 6, n. 4. Rio de Janeiro.



1924 - "Senhor Perfeito". Em Relatório apresentado pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto à Câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

"A tecnologia geral no século XX". Em Revista Politécnica, vol 7, n. ° 77. São Paulo.

1925 - "Relatório da Diretoria de Obras e Viação". In Em Relatório apresentado pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto à Câmara Municipal. São Paulo: Vanorden.

1926 - Especificações sobre areia para argamassas e concretos". Em Revista Politécnica, n.º 80. São Paulo.

1927 - "A reforma do Concreto de Viação no município de São Paulo". Em Boletim do Instituto de engenharia, n.º 34. São Paulo.

1930 - "O problema Universitário". In Em Anais da 3ª Conferência Nacional de Educação. São Paulo.

Correspondência ao vice-diretor da Escola Politécnica. São Paulo: Arquivo Epusp, 17 de novembro.

1931 - Engenharia e seus ensinos superior. Relatório preliminar apresentado à Comissão de Ensino Superior e Universidade da Sociedade Paulista de Educação. São Paulo: Irmão Ferraz.

"O Problema Universitário por dentro". A Academia. São Paulo.

1932 - Cadeira n. 10. Tecnologia Civil: Fundação. Tecnologia Mecânica. São Paulo: Arquivo Epusp.

1933 - "Depoimentos". Em BARRETO, Plínio. Uma temerária aventura forense. São Paulo: Revista dos Tribunais. São Paulo.

1935 - Instrução e cultura. Espírito científico. Ensino secundário. (Palestra proferida no Rotary Club de Poços de Caldas). São Paulo, Escola Politécnica.

1936 - A regulamentação das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor. Análise do decreto que a instituiu. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas.

1938 - Correspondência a Henrique Jorge Guedes, diretor da Escola Politécnica. São Paulo: Arquivo Epusp, 23 de agosto.

1940 - "Antonio Prado, prefeito de São Paulo (1899-1910)". Em 1º Centenário do Conselheiro Antonio Prado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1946.

O ensino superior de engenharia e a formação de técnicos universitário para a indústria nacional. São Paulo: Revista dos Tribunais, p. 93

"Coisas da profissão (1880-1940)". Revista do Clube de Engenharia, n. 70, Rio de Janeiro. nov.-dez.

1942 - "Urbanismo". Engenharia, São Paulo, novembro.

1948 - As conclusões do Segundo Congresso dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Belo Horizonte, 1946) e as exigências da democracia. São Paulo, s/ed.

1950 - "Ramos de Azevedo e o ensino secundário". Engenharia, n. 3. São Paulo, novembro

### 3. FREIRE E AS REDES DE PODER DE SUA ÉPOCA

Como anteriormente dito, Victor da Silva Freire morreu em 1951; entretanto, os autores que se dedicaram a discorrer sobre sua obra o fazem até o ano de 1934. De fato, os dados disponíveis sobre esse período de sua vida são erráticos. Sobre a sua rede de relações pessoais mais íntima pouco se sabe. Certamente era amigo de Horácio Belfort Sabino, Cincinato Braga e de Alexandre de Albuquerque<sup>23</sup>, deste tendo sido professor e conselheiro

---

<sup>23</sup> Alexandre de Albuquerque é um dos mais preeminentes engenheiros-arquitetos do período em tela. É dele um dos planos para "As novas Avenidas de São Paulo", o desenvolvimento do ábaco de isolamento para a cidade de São Paulo, entre outros importantes estudos. Foi ele, ainda, responsável pela construção da atual Catedral da Sé da cidade de São Paulo. Vereador pelo Partido Republicano, foi professor e diretor da Escola Politécnica de São Paulo. Consta que o ábaco de isolamento elaborado por Alexandre para São Paulo foi o primeiro desenvolvido para a América Latina. Alexandre Albuquerque faleceu em 1940. Para uma análise de sua obra, ver Albuquerque (2006).

mesmo depois de formado, como atesta carta daquele a Albuquerque indicando referências bibliográficas (norte-americanas) a Alexandre, quando esse preparava os estudos para seu trabalho sobre o Código de Obras <sup>24</sup>.

O mistério sobre sua vida pessoal e o estado da arte da pesquisa no presente momento, como sugerido anteriormente, nos impossibilitou apurar o percurso profissional do engenheiro entre a saída da Escola Politécnica e sua morte. De qualquer forma, suas atividades profissionais conhecidas e sua produção (técnica e acadêmica) já nos impressionam, e por si só garantem ao engenheiro um lugar inigualável nos anais do urbanismo paulista. Certamente que Freire à época era uma das expressões das redes sociais e de poder existentes na cidade, as quais estavam relacionadas com a produção do espaço construído de São Paulo. Acreditamos ser essa rede, atrelada à sua inegável competência técnica, a explicação para a rápida acessão profissional por ele lograda, bem como para a sua permanência no mais alto posto administrativo municipal relacionado com as questões urbanísticas que a cidade de São Paulo vivia.

Suas relações pessoais-profissionais eram estabelecidas com os mais importantes e significativos atores sociais do período, seja do ponto de vista das “tradicionais” famílias paulista, seja do ponto de vista dos políticos mais importantes, seja, ainda, do ponto de vista dos grandes investidores na produção do espaço material e imaterial da cidade. Não se deve esquecer de que muitos desses eram ainda os formadores de opiniões tanto técnica como publica da época. Não raro, esses atores agiam em mais de uma das esferas supracitadas. É assim que podemos direta ou indiretamente estabelecer relações entre Freire e Saturnino de Brito, Antonio Francisco de Paula Souza, Ramos de Azevedo,

---

<sup>24</sup> Para um estudo desse trabalho, recomendo Albuquerque (2006). Agradeço, ainda, a Maria Beatriz Portugal Albuquerque o acesso à Biblioteca de Alexandre Albuquerque, bem como o acesso à referida carta constante desse acervo. O mencionado livro recomendado na carta enviada por Freire a Albuquerque era *A model housing Law by Laurence Veiller* (New York, 1914).

Cincinato Braga, Alexandre Albuquerque, conselheiro Antônio Prado, entre outros de uma lista que pode não ter fim <sup>25</sup>.

Mesmo, contudo, com essas prerrogativas, a continuidade administrativa que ele representa espanta e fascina. Acreditamos que Freire era um grande político (no sentido mais amplo do termo), um grande articulador e um exímio administrador de conflitos <sup>26</sup>. Sem essas características, muito provavelmente, mesmo suas sólidas relações com o centro do poder não o teriam mantido no cargo por tanto tempo como ocorrido.

#### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Beatriz Portugal. **Luz, ar e sol na São Paulo moderna**. Alexandre Albuquerque e a Insolação em São Paulo. 1916 - 1934. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. Barry Parker. **Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. 1998. Tese (Doutorado)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BARDET, Gaston. **O urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990.

BARRETO, Plínio. **Uma temerária aventura forense** (a questão entre d. Amália de Moreira Keating Fontaine de Laveleye e a Cia. Of San Paulo Improvements & Freehold Land Company, Limited). Alegações finais do advogado desta última. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1933.

---

<sup>25</sup> Dessa longa lista ficaram de fora os prefeitos que sucederam o conselheiro Prado na prefeitura de São Paulo, bem como engenheiros como Theodoro Sampaio, Orville Derby, entre outros. No plano internacional, aventamos a hipótese de que, ao estar presente no famoso Congresso de Urbanismo de 1911, tenha ela travado contato com Raymond Unwin entre outros presentes ao mesmo evento.

<sup>26</sup> Segundo Campos Neto (1999, p. 86), "Partilhavam espaço com programas diversos, originários em várias instâncias (iniciativa particular, Governo do Estado, Câmara) que também ganhavam projeção no âmbito da intervenção urbanística municipal. A despeito de sérias disputas, buscava-se superar divergências por meio de acordos entre os governos estadual, municipal e agentes privados — o que garantia a convivência entre parte das intenções articuladas por Freire e seus colegas e as demais injunções presentes no debate urbanístico".

- BERNARDINI, Sidney Piochi. **Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos** - De Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910). São Carlos: Rima; Fapesp, 2006.
- CAMPOS NETO, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. 1999. Tese (Doutorado)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Revan; Lupperj-Ucan, 1998.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Editora Brasiliense SA, 1987.
- COSTA, Luiz Augusto Maia. **O moderno Planejamento Territorial e Urbano em São Paulo. A presença norte-americana no debate de formação do pensamento urbanístico paulista**. 1886 - 1919. 2005. Tese (Doutorado)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa na Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- FICHER, Sílvia. **Ensino e profissão. O curso de Engenheiro-Arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo**. 1989. Tese (Doutorado)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. **O Papel do Gabinete de Resistência dos materiais da Escola Politécnica na Transferência da tecnologia do concreto para São Paulo, 1899-1925: Um relato preliminar de Pesquisa**. Cadernos IG/UNICAMP, São Paulo, v. 4, n. 2, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- JUCÁ, Joselice. **Reforma & Utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem**. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.
- LEME, Maria Cristina da Silva. **Revisão do Plano de Avenidas: um estudo do planejamento urbano de São Paulo, 1930. 1990**. Tese (Doutorado)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.
- \_\_\_\_\_. (Coord.). **Urbanismo no Brasil - 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel; Fausp; Fupam, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Formação do urbanismo em São Paulo como campo de conhecimento e área de atuação profissional**. 2000. Tese (Livre-Docência)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- LEVI, Darrell E. **A Família Prado. São Paulo: Cultura 70** - Livraria e editora S/A, 1977.
- NAGAMINI, Marilda; MOTOYAMA, Shozo. **Victor da Silva Freire: engenheiro de São Paulo e a influência francesa**. In: HAMBURGUER, Amélia Império. (Org.). **A ciência nas relações**

**Brasil-França (1859-1950)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo: 1894-1984. **Revista da USP**, São Paulo, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. **O setor de Obras Públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo**. 1990. Dissertação (Mestrado)—Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Anhangabaú - história e urbanismo**. 1995. Tese (Doutorado)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. **Transferências culturais na estrutura do pensamento urbanístico paulistano: estudo através de alguns aspectos da obra de Victor da Silva Freire**. S. d. (Mimeo).

TOLEDO, Benedito Lima de. **Preste Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

\_\_\_\_\_. A "Segunda fundação" da Cidade. In: **São Paulo, Metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

#### Sites

<<http://extranet.frsp.org/museufrsp/Acervo/Fotos/007.aspx>>. Acesso em: 15 set. 2011.

<<http://www.rotarysp.org.br>>. Acesso em: 15 set. 2011.

<<http://www3.poli.usp.br/a-poli/historia/galeria-de-diretores/201-prof-dr-victor-da-silva-freire-.html>>. Acesso em: 15 set. 2011.